

Praça Memorial Vladimir Herzog:

Lugar de memória em permanente construção

Ronald Sclavi ¹

Resumen

Transformar um espaço em um lugar de memória vai muito além instalar marcos simbólicos. É preciso torná-lo um espaço de encontro. É necessário que as pessoas se apropriem dele como local de cultivo de ideias coletivas para que, aprendendo com o passado, possam escrever o futuro. É o que familiares, amigos e admiradores de Vladimir Herzog, jornalista assassinado pela ditadura militar brasileira em 1975, têm feito com a praça que leva seu nome, no coração da cidade de São Paulo.

Desde quando a praça ganhou o nome do jornalista, em 2013, um conjunto de instituições e pessoas têm se dedicado a fazer dele um lugar vivo. Embora a história de Vlado tenha ficado mundialmente conhecida a partir de seu assassinato, a intenção desse grupo é lançar luz sobre sua vida, dos seus contemporâneos, bem como seu legado sobre os pilares fundamentais da democracia.

De lá para cá, uma série de ações vêm sendo organizadas, envolvendo jovens estudantes de jornalismo, artistas, intelectuais e amigos que, de algum modo, tangenciam essa cadeia de relações. O presente trabalho se propõe a contar esta história, pela voz daqueles que a mantêm pulsante no coração da cidade.

¹Ronald Sclavi é jornalista, professor universitário, coordenador do módulo Descobrir São Paulo, Descobrir-se Repórter da Oboré e pesquisador da vida e obra de Vladimir Herzog, para o Acervo do Instituto Vladimir Herzog. Também faz parte do grupo de ‘incendiários’ da Praça Memorial Vladimir Herzog. Instituto Oboré e Instituto Vladimir Herzog. - contato@obore.com

Praça Memorial Vladimir Herzog:

Lugar de memória em permanente construção

“O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.”

(NORA, 1993: 15)

Introdução

A construção e manutenção de um lugar de memória passa, necessariamente, pelo acolhimento desse espaço por parte dos atores capazes de conferir sentidos ao local, em uma relação que caminha pela manutenção do legado daqueles que são lembrados a partir da reunião de registros e afetos entre os que se esforçam por preservar o objeto das próprias lembranças.

Essa é a lição que marcou a história viva da Praça Memorial Vladimir Herzog, no centro da cidade de São Paulo. Ela é a concretude da reunião de lembranças, propósitos e valores de um grupo de atores sociais contemporâneos ao jornalista barbaramente assassinado em outubro de 1975, quando se apresentou para um depoimento às autoridades brasileiras. Sua morte é o marco do início do fim da ditadura militar neste país. Sua vida encontra na Praça Memorial Vladimir Herzog causa e consequência na história de uma geração.

A cidade é o lugar onde se inscreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo. Essa história, porém não é uma simples coleta de referências factuais, mas uma recepção e percepção de lembranças e repertórios perdidos que incidem sobre o espaço da cidade. Conjunto múltiplo de ação coletiva, a cidade tem muitas dimensões e significados - reais e virtuais, concretos e simbólicos - e, também ela, a cidade, é construtora de identidades e identificações. Dentro dos limites da cidade diferentes vetores de espaço e tempo convivem nem sempre de

maneira harmônica, ou seja, o cotidiano urbano é plural, polissêmico, singular e diverso. (SENRA, 2011)

O que esse artigo pretende apresentar está longe de ser uma metodologia de preservação de um lugar de memória. Nesse espaço, demonstraremos como a experiência de um grupo de pessoas, unidas por suas experiências fincadas em ideais de liberdade e solidariedade, construíram um espaço que transcende o tempo, unindo passado ao futuro, como um polo de resistência e luta.

Vlado e a Praça

A Praça Memorial Vladimir Herzog localiza-se na Rua Santo Antônio, no bairro Bela Vista – atrás do Palácio Anchieta, onde funciona o legislativo municipal de São Paulo, palco de lutas e pautas democráticas no coração da cidade. O Poder Legislativo também é o administrador oficial da Praça.

Sua história passa necessariamente pela institucionalização da memória de Vladimir Herzog como marco da redemocratização brasileira a partir da criação do Instituto Vladimir Herzog (IVH), organização da sociedade civil fundada em junho de 2009.

A instituição tem como missão trabalhar com toda a sociedade pela defesa dos valores da Democracia, dos Direitos Humanos e da Liberdade de Expressão. Suas ações se organizam em três grandes frentes: Educação em Direitos Humanos; Jornalismo e Liberdade de Expressão; Memória, Verdade e Justiça.

A morte do jornalista Vladimir Herzog e os fatos que sucederam seu brutal assassinato deram origem a uma persona carregada de um conjunto simbólico capaz de abarcar as dores e esperanças de todo um país. Mas seu legado é bem maior que isso: faz-se necessário devolver à memória nacional um Herzog vivo, signo de um jornalismo crítico, aprofundado, comprometido com a verdade dos fatos e, por isso, transformador.

Na dimensão histórica, a morte de Vlado e o culto ecumênico na Catedral da Sé, no dia 31 de outubro de 1975, representaram o marco do início do fim da ditadura militar. Ali o arbítrio se escancarava como também a indignação silenciosa das milhares de pessoas que participaram do evento e outros tantos que acompanharam estarecidos sua divulgação.

Outra dimensão indiscutível de Herzog é o seu papel como símbolo da categoria profissional à qual pertencia. Sob a presidência de Audálio Dantas, foi o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo a instituição que encabeçou a resistência naqueles dias. O auditório onde as reuniões mais tensas da história do jornalismo brasileiro da segunda metade do século XX ocorreram ganhou seu nome. E Vlado passou a significar também um marco de consciência de classe.

A partir da criação do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos (1978) – e mais tarde do próprio Instituto Vladimir Herzog - uma nova significação emerge da figura de Vlado. Aquele garoto que chegou ao Brasil aos nove anos quando sua família fugia do horror nazista terminou os seus dias sob tortura. Seu nome seria para sempre lembrado como símbolo de luta pelos Direitos Humanos.

A construção do mártir se dá, portanto, em bases de tal forma sólidas e agigantadas que outras duas dimensões quase desaparecem ao longo da história. O profissional, o trabalhador Vladimir Herzog e seu legado; assim como o sujeito, o indivíduo – pai, marido, amigo etc. – acabaram por ficar em um plano muito menor no imaginário público.

Desde que foi criado, o Instituto procurou reafirmar suas ações no legado de Vlado, sua vida seus valores e princípios. Ou seja, resgatar esse jornalista no contexto do seu tempo, da sua contemporaneidade, mais do que necessário, completaria esse valioso arco de memória.

O local e sua história

Em 2012, foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV) para investigar violações de Direitos Humanos cometidas entre os anos 1946 e 1988. A versão municipal da Comissão, presidida pelo vereador Ítalo Cardoso, ganhou o nome de Vlado, com a autorização da viúva Clarice Herzog.

O vereador ainda sugeriu que a pequena praça localizada atrás do prédio da Câmara, chamada Praça da Divina Providência, se convertesse em um local que homenagearia o jornalista, com o seu busto, exposto em destaque. A Praça Memorial Vladimir Herzog foi inaugurada no dia 25 de outubro de 2013.

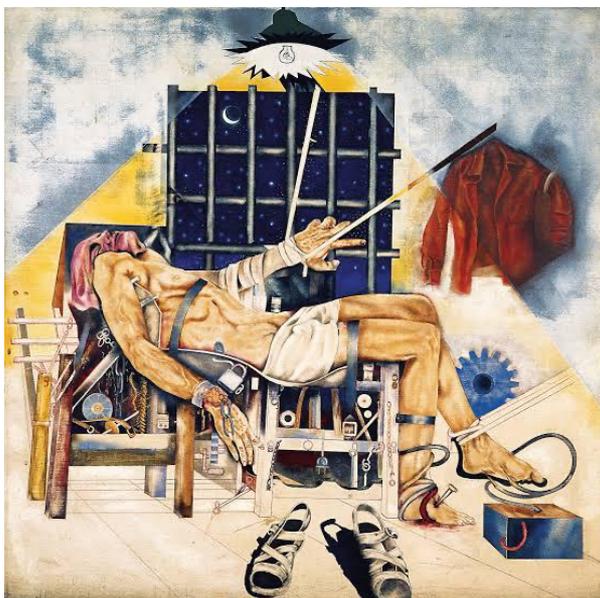
Nesse momento, a reação de Clarice, marca o espírito que mantem vivo esse local até hoje. Mesmo concordando em nomear a praça, ela recusou a ideia do busto. A morbidez do que seria o semblante estático do jornalista estava longe do tipo de memória que se pretendia edificar naquele local.

A solução foi substituir a ideia do busto por algo que representasse a vida e a luta de Vlado. A escultura “Vlado Vitorioso”, foi instalada em 2016. Assinada pelo artista plástico contemporâneo de Vlado, ElifasAndreato, a estátua de bronze, de 2,2 metros de altura, retrata a vitória da geração do jornalista contra a ditadura que o matou.

A obra é uma reprodução do Troféu Especial de Imprensa da Organização das Nações Unidas (ONU), criado em 2008, que comemorava os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Não por acaso, ElifasAndreato foi o escolhido para a representação central de Vlado na praça. O artista, fez parte de um grupo que mantem a praça viva desde a sua inauguração. Consagrado por capas de discos e livros que marcaram a luta pela democracia e direitos humanos no Brasil, Andreato também assina outros marcos de memória ali presentes.

É de autoria dele o mosaico que reproduz a tela “25 de outubro”, criada em 1979. O quadro, cujo original está exposto no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo é um repúdio à farsa criada pelos militares, do suicídio de Herzog. A obra foi inspirada em “Guernica” de Pablo Picasso, que nasceu em 25 de outubro, mesma data da morte de Herzog.



Em 2019, foi inaugurada a terceira obra da praça: uma réplica do troféu do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, que desde 1979 reconhece os profissionais da imprensa que colaboram com a promoção da Democracia, da Liberdade e dos Direitos Humanos. Essa é a premiação jornalística mais importante do Brasil.

A peça retrata a meia lua recortada com a silhueta de Vladoe também é uma criação do artista plástico ElifasAndreato. A mesma meia lua ganhou a silhueta do próprio Elifas que faleceu no dia 30 de abril de 2022. Foi uma homenagem do Instituto Vladimir Herzog ao artista que melhor desenhou os valores e princípios defendidos pela instituição.

E assim a praça vai ganhando forma e contornos. Nada ali se faz sem que a memória seja celebrada, unindo datas, pessoas e esforços para celebrar a vida dessa geração que devolveu ao País a democracia e segue atenta na sua vigilância.

Um bom exemplo ocorreu, no dia 24 de junho de 2017. Esse grupo se reuniu em uma manhã de sábado ensolarada para celebrar na Praça os 80 anos de Vlado. Lá estavam Clarice, Audálio Dantas, ElifasAndreato ao lado de outros contemporâneos, como Sergio Gomes da Silva e Paulo Markun, amigos, militantes e vizinhos de cela de Vlado naquele outubro de 1975.

Na ocasião, a Banca de Jornais vizinha ganhou o nome do jornalista e passou a disponibilizar publicações do Instituto Vladimir Herzog, bem como livros e outras publicações relativas aos direitos humanos, ao jornalismo e à democracia. A área traseira à banca recebeu reprodução de uma história em quadrinhos sobre Vlado, criada por artistas plásticos italianos.

Nessa ocasião, a graduanda em jornalismo Caroline Simões, lançou o livreto “A história não contada do jornalista Vladimir Herzog”, em edição de 80 exemplares (simbolizando os 80 anos de Herzog). O texto foi produzido com base em pesquisas que possibilitaram o mergulho na obra do jornalista, que originaria mais tarde o Acervo Vladimir Herzog, inaugurado em 2020.

Trata-se de um repositório virtual que concentra toda a documentação jornalística, cinematográfica e pessoal de Vlado, de forma ordenada, organizada e, o que é mais

importante, totalmente pública, ao alcance de pesquisadores, estudantes e da sociedade de um modo geral.

Em 14 de setembro de 2021, data que marca o centenário de nascimento do cardeal Paulo Evaristo Arns, foi inaugurada a Escadaria da Liberdade, que possui 17 degraus com trechos da letra do Hino da Proclamação da República. A escadaria foi inaugurada na data de comemoração do 84º aniversário de Vladimir Herzog, no 12º aniversário de criação do Instituto Vladimir Herzog e no aniversário de 80 anos de Clarice Herzog, viúva de Herzog.

A escolha dos versos do hino da República não foi por acaso. Apropriado pelo governo neofascista de Jair Bolsonaro, o hino nacional brasileiro, foi composto em tempos imperiais, logo após a declaração da independência do Brasil. Mais tarde, com a proclamação da República, um novo hino foi elaborado para substituir o primeiro, manteve sua letra vetada pelo primeiro presidente republicano. O hino à República proclama a liberdade em seus versos e passou a ser música oficial nos eventos de oposição ao atual governo e suas práticas.

Dom Paulo Evaristo Arns, ao lado do rabino Henry Sobel e do reverendo Jaime Wright, celebrou o culto ecumênico na catedral paulistana que reuniu 10 mil pessoas, mesmo sob ameaça de uma cidade sitiada pelos militares que comandavam o País. A celebração tensa e histórica foi decisiva, como um basta para o terrorismo de Estado produzido pelos agentes da repressão brasileira. A ditadura sofreu ali um abalo definitivo como é consenso entre historiadores do período.

O mesmo grupo de amigos e contemporâneos de Vlado lutou para que o Parque da Juventude, espaço público edificado no mesmo terreno onde ficava a Casa de Detenção de São Paulo, famigerado Carandiru (onde 111 detentos foram cruelmente executados em 1992), recebesse o nome do cardeal Arns. Nesse parque, o grupo se organizou para o plantio de 30 mudas frutíferas, representando cada uma um artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O Futuro

No dia 09 de abril, mais uma vez os contemporâneos de Vlado se reunirão em comemoração ao dia do jornalista. Nessa data, o grupo vai inaugurar um novo marco,

sob o título Justiça e Verdade. Trata-se da lista impressa em placas de vidro, com os nomes de 1006 jornalistas que assinaram o manifesto “Em nome da verdade”, em janeiro de 1976, contestando a versão oficial da morte do jornalista por suicídio.

Esse documento foi recentemente revisado e atualizado pelo jornalista Mauro Malin em função da reedição do livro Dossiê Herzog: prisão, tortura e morte no Brasil, de Fernando Pacheco Jordão. O valoroso trabalho de Malin destacou nomes profissionais e abreviações utilizadas, como também localizou signatários cujos nomes foram omitidos por pressão de aliados do regime.

Serão 11 placas que reproduzem as páginas do livro que terão lugar no mesmo muro onde está o mosaico de ElifasAndreato. O Muro das Evocações, como foi batizado, deve receber outras obras de artistas e contemporâneos de Vlado nos próximos anos.



Entre as Evocações, encontram-se a foto Anistia, de Jorge Araújo; a pintura União das Religiões, de EnioSqueeff; a obra gráfica Solidariedade, com pombas desenhadas por 14 artistas para arrecadar recursos em prol de presos políticos durante a ditadura militar brasileira; a xilogravura Direitos da Mulher, de Virginia Artigas; a ilustração Alegria de Viver e Lutar, feita por Laerte em 1972; a obra Esperança do chileno Mono González; a tela Antirracismo, de Mario Lucio, ex-ministro da Cultura de Cabo Verde; a foto Classe Trabalhador de Ricardo Alves, da Oboré; poema Amizade e Companheirismo, de Ricardo Moraes e ilustração de Jaime Leão; mosaico de ganhadores do Prêmio Vladimir Herzog, concepção de Aldo Quiroga e a bandeira LGBTQIA+.



Na mesma ocasião, como de costume, receberão o troféu Audálio Dantas representantes do jornalista australiano Julian Assange, fundador do WikiLeaks, preso desde 2019 na Inglaterra e representantes do Consórcio Nacional de Veículos de Imprensa do Brasil que compila e divulga, desde o início da pandemia, os números de mortos e contaminados sonogados criminosamente pelo Governo Federal.

Representantes de Centros acadêmicos das principais universidades brasileiras, jornalistas e entidades ligadas à Praça Memoria Vladimir Herzog também lançarão candidaturas para os novos ganhadores desse troféu que premia o conjunto da obra de grandes contribuições jornalísticas para a democracia.

Como tudo funciona

Pierre Nora talvez tenha sido aquele que melhor definiu o sentimento do grupo que funciona como incendiário das ações que cercam a Praça Memorial Vladimir Herzog. Segundo o autor:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversárias, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso que a defesa pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levantar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORA, 1993: 28).

Os incendiários que no Brasil provocam as combustões de memórias refugiadas nessa praça se refugiam em um grupo que se reúne em fóruns afetivos, distantes das lógicas burocráticas (mas em constante diálogo com elas) e das discussões acadêmicas (mesmo contando com uma presença intelectual marcante).

Esse grupo se soma sob a batuta da do Instituto Oboré organização fundada por contemporâneos de Vladimir Herzog em 1978, como uma cooperativa de jornalistas e artistas para colaborar com os movimentos sociais e de trabalhadores urbanos e rurais na montagem de seus departamentos de imprensa e na produção de jornais, boletins, revistas, campanhas e planejamento de comunicação.

As atividades da Oboré vem atraindo para o entorno de suas propostas um grupo de pessoas comprometidas com a memória, não em um sentido nostálgico e amorfo, mas como uma forma transformadora de recuperação de sentidos. Devolvendo o lugar de pertencimento aos lugares das lembranças e dos registros, o grupo consegue conciliar interesses, instituições e pessoas das mais diferentes origens e matizes.

Somos jornalistas, artistas plásticos, estudantes, intelectuais, arquitetos, médicos e engenheiros que partilhamos de um mesmo conjunto de ideais democráticos e não nos contentamos no que fazem por nós. Queremos o protagonismo do nosso tempo. Mas, que fique claro: se falamos em tempo é necessário retomar a ideia de causa e efeito do passado e do presente na construção do futuro. Reviver o passado, nesse sentido constitui um ritual necessário para qualquer sociedade.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.
(NORA, 1993: 12-13)

Esse grupo que nasceu a partir da indignação diante de injustiças como a morte de Vladimir Herzog mantém seu diálogo em encontros periódicos como o chamado Café sem pauta – reunião virtual que ocorre nas manhãs de sábado para discussões em princípio sem um tema mas que acabam encontrado proposituras as mais variadas.

Os mais jovens riscam seus fósforos para um interminável combustível dos mais velhos em uma troca poderosa de informações, ideias e afetos. O encontro surgiu após a Pandemia da Covid 19 diante da demanda do isolamento social, antes do qual o grupo se reunia em almoços (a Feijoada dos Amigos) às quartas-feiras.

Nesses momentos, coletivos, comensais e fraternos, a memória ilumina o futuro e gera as condições necessárias para as transformações no presente:

“Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade”.
(HALBWACHS, 2004: 31).

Bibliografia

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUC-SP), São Paulo, v.10, 1993.

WALBWACHS, Maurice. Fragmentos da la Memória Colectiva. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Universidade Autônoma Metropolitana – Iztapalapa Licenciatura em Psicologia Social. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Ano 1, Número 1, México, UNAM – Faculdade de Psicologia, 1991.